

**DO ÉPICO AO CONTO DE FADAS: THE STORY OF SIGURD (A ESTÓRIA DE
SIGURD), DE ANDREW LANG (1890)**

**FROM THE EPIC TO THE FAIRY-STORY: THE STORY OF SIGURD, BY
ANDREW LANG (1890)**

Eduardo Boheme Kumamoto¹

Resumo: Este trabalho tem três objetivos: apresentar o conto ‘The Story of Sigurd’ (1890), de Andrew Lang, que nasceu como uma adaptação da tradução da Saga dos Volsungos para o inglês, feita em 1870 por William Morris; propor uma tradução do conto de Lang para o português e, finalmente, discutir alguns pontos da passagem do épico traduzido por Morris para o conto de fadas adaptado por Lang. Inicialmente, o conto é situado no tempo e no contexto dos doze livros compilados por Lang que reúnem histórias de fadas de diversas culturas. ‘The Story of Sigurd’ é, então, apresentada em seu idioma original, seguida de uma proposta de tradução para o português. Na parte final, o foco é o trabalho empreendido por Lang, que promoveu omissões, transformações e cortes para adequar a saga islandesa ao público infantil.

Palavras-chave: Andrew Lang; Saga dos Volsungos; The Story of Sigurd; Adaptação; Tradução.

Abstract: The objective of this essay is threefold: to present ‘The Story of Sigurd’ (1890), by Andrew Lang, a fairy-story adapted from the 1870 translation of The Volsunga Saga made by William Morris; to propose a translation of Lang’s story into Portuguese and, lastly, to discuss some issues that can be observed in the passage from the epic translated by Morris into the fairy-story adapted by Lang. Initially, the story is placed within the time and context of the twelve books compiled by Lang containing fairy-stories from different cultures. After that, ‘The Story of Sigurd’ is presented in its original language, followed by a Portuguese

¹ Bacharel em Letras, com habilitação em Inglês e Português, pela Universidade de São Paulo e Mestre em Tradução Literária pelo Trinity College da Universidade de Dublin. E-mail: eduardo.kumamoto@gmail.com

translation. The last part focuses on the work undertaken by Lang, who omitted, transformed, and struck out sections of the Icelandic saga to make it suitable for his young readers.

Key words: Andrew Lang; The Volsunga Saga; The Story of Sigurd; Adaptation; Translation

1. Introdução

Andrew Lang (1844-1912) foi um escritor escocês que estudou na Universidade de St. Andrews e na Universidade de Oxford. Nessa última, recebeu seu título em Clássicos, Filosofia e História Antiga, e atuou como membro acadêmico de 1870 a 1875, quando mudou-se para Londres com a esposa, Leonora Blanche Lang, conhecida como “Nora”.

Segundo Anderson e Flieger (2014, p. 90), a contribuição de Lang “para o estudo do folclore foi imensa, mas ele é principalmente lembrado como o compilador e editor dos doze Livros ‘Coloridos’ das Fadas”,² coleção em que Lang traz versões em inglês de contos de fadas de diversas culturas. Sobre esses livros, Hammond e Scull (2017, p. 609) comentam que foram “majoritariamente subprodutos de um estudo sério sobre o mito, folclore e rituais no qual [Lang] mudou de forma radical ideias amplamente aceitas sobre suas origens e sua história”.³ É dessa coleção, especificamente do segundo livro da série, o *Red Fairy Book*, que retiramos ‘A Estória de Sigurd’, traduzida nas páginas a seguir.

A prática comum é atribuir apenas a Andrew Lang a autoria dos doze Livros das Fadas. É um costume impreciso. Lang frequentemente utiliza o prefácio dos livros para creditar colaboradores dos contos, e um nome merece menção especial aqui. No terceiro livro da série, Lang (1892, p. xi) agradece à esposa, Nora, pelas traduções de muitas das estórias.⁴ Igualmente,

² No original: “His contributions to the study of folklore was immense, but he is popularly remembered chiefly as the collector and editor of the twelve ‘colour’ Fairy Books”.

A tradução dos trechos neste trabalho é de nossa autoria, salvo em indicação contrária.

³ No original: “[...] mainly by-products of a serious study of myth, folklore, and ritual in which he radically changed generally accepted ideas of their origins and history.”

⁴ A palavra “estória” ou, por vezes, “conto”, foi escolhida como tradução para “story”. Já a palavra “história” será usada para nos referirmos a eventos históricos, ou então com o sentido aproximado de “enredo”.

no último volume, o de cor lilás, Lang (1910, p. vi-vii) afirma que é sua esposa quem merece crédito por traduzir e transcrever a maior parte das compilações, e que sua atuação principal foi como “superintendente”. Apesar disso, Nora Lang permanece uma figura marginal e frequentemente ignorada na história dessa coleção, sem jamais aparecer em frontispícios ou capas. Ainda assim, Nora afirmou em carta posterior à morte de Lang que ela mesma assumiu praticamente todo o trabalho após o quarto volume, e que seu marido apenas via os livros quando já estavam prontos. Só então ele lia a obra e escrevia o prefácio (apud Day, 2019, p. 401).

Neste trabalho, porém, atribuiremos a autoria apenas a Lang, já que, no prefácio ao *Red Fairy Book*, ele explicitamente assume a responsabilidade pela ‘Estória de Sigurd’. Além disso, pesou o fato de ela estar incluída no segundo volume de contos e, como dito acima, o trabalho de Nora Lang se deu a partir do terceiro volume (se considerarmos o prefácio ao *Green Fairy Book*) ou do quarto (de acordo com a carta da própria Nora).

O *Red Fairy Book* foi publicado em 1890 e deu continuidade ao propósito que o autor expressou na primeira coletânea, o *Blue Fairy Book* (1889, s/p): “os contos neste volume são destinados ao público infantil, que gostará, espera-se, das antigas estórias que agradaram tantas gerações”.⁵ Como será visto no comentário após a tradução, o *Red Fairy Book* teve o propósito adicional de trazer estórias menos familiares aos pequenos leitores.

Lang, já no primeiro volume, incluiu estórias nórdicas como ‘East of the Sun and West of the Moon’ e ‘Why the Sea is Salt’, originalmente coligidas pelos noruegueses Asbjørnsen e Moe no livro *Norske folkeeventyr* (1843). Mas não foi a primeira vez que essas estórias apareceram em inglês: George Webbe Dasent já traduzira os contos em 1859, no livro *Popular Tales from the Norse*, e é de se supor que essa tradução foi usada como base para o livro infantil

⁵ No original: “The Tales in this volume are intended for children, who will like, it is hoped, the old stories that have pleased so many generations.”



assinado por Lang. No *Blue Fairy Book*, crédito é dado a uma Sra. Alfred Hunt pela adaptação dos contos nórdicos. No *Red Fairy Book*, Lang trouxe novos contos noruegueses, também adaptados pela Sra. Hunt, como 'Soria Moria Castle' e 'Kari Woodengown'. Incrementando a presença nórdica, Lang incluiu ainda 'A Estória de Sigurd', recriada a partir da tradução em prosa da *Saga dos Volsungos*, feita por William Morris. Evidentemente, o gênero e a natureza dessa estória de matriz épica são muito distintos daqueles dos contos populares noruegueses no mesmo volume, e o autor empreendeu um grande retrabalho para que a *Saga dos Volsungos* ficasse adequada em extensão e bem direcionada ao público-alvo.

Nas páginas seguintes encontra-se o texto em inglês e a tradução para o português de 'A Estória de Sigurd', conforme apresentada por Andrew Lang. Após a tradução, teceremos algumas considerações sobre a passagem do épico islandês para o conto de fadas britânico.

2. Tradução (texto original e tradução ao português)

THE STORY OF SIGURD

[This is a very old story: the Danes who used to fight with the English in King Alfred's time knew this story. They have carved on the rocks pictures of some of the things that happen in the tale, and those carvings may still be seen. Because it is so old and so beautiful the story is told here again, but it has a sad ending – indeed it is all sad, and all about fighting and killing, as might be expected from the Danes.]



ONCE upon a time there was a King in the North who had won many wars, but now he was old. Yet he took a new wife, and then another Prince, who wanted to have married her, came up against him with a great army. The old King went out and fought bravely, but at last his sword broke, and he was wounded and his men fled. But in the night, when the battle was over, his young wife came out and searched for him among the slain, and at last she found him, and asked whether he might be healed. But he said 'No,' his luck was gone, his sword was broken, and he must die. And he told her that she would have a son, and that son would be a great warrior, and would avenge him on the other King, his enemy. And he bade her keep the broken pieces of the sword, to make a new sword for his son, and that blade should be called *Gram*.

Then he died. And his wife called her maid to her and said, 'Let us change clothes, and you shall be called by my name, and I by yours, lest the enemy finds us.'

So this was done, and they hid in a wood, but there some strangers met them and carried them off in a ship to Denmark. And when they were brought before the King, he thought the maid looked like a Queen, and the Queen like a maid. So he asked the Queen, 'How do you know in the dark of night whether the hours are wearing to the morning?'

And she said:

'I know because, when I was younger, I used to have to rise and light the fires, and still I waken at the same time.'

'A strange Queen to light the fires,' thought the King.

Then he asked the Queen, who was dressed like a maid, 'How do you know in the dark of night whether the hours are wearing near the dawn?'

'My father gave me a gold ring,' said she, 'and always, ere the dawning, it grows cold on my finger.'



‘A rich house where the maids wore gold,’ said the King. ‘Truly you are no maid, but a King’s daughter.’

So he treated her royally, and as time went on she had a son called Sigurd, a beautiful boy and very strong. He had a tutor to be with him, and once the tutor bade him go to the King and ask for a horse.

‘Choose a horse for yourself,’ said the King; and Sigurd went to the wood, and there he met an old man with a white beard, and said, ‘Come! help me in horse-choosing.’ Then the old man said, ‘Drive all the horses into the river, and choose the one that swims across.’

So Sigurd drove them, and only one swam across. Sigurd chose him: his name was Grani, and he came of Sleipnir’s breed, and was the best horse in the world. For Sleipnir was the horse of Odin, the God of the North, and was as swift as the wind.

But a day or two later his tutor said to Sigurd, ‘There is a great treasure of gold hidden not far from here, and it would become you to win it.’

But Sigurd answered, ‘I have heard stories of that treasure, and I know that the dragon Fafnir guards it, and he is so huge and wicked that no man dares to go near him.’

‘He is no bigger than other dragons,’ said the tutor, ‘and if you were as brave as your father you would not fear him.’

‘I am no coward,’ says Sigurd; ‘why do you want me to fight with this dragon?’

Then his tutor, whose name was Regin, told him that all this great hoard of red gold had once belonged to his own father. And his father had three sons – the first was Fafnir, the Dragon; the next was Otter, who could put on the shape of an otter when he liked; and the next was himself, Regin, and he was a great smith and maker of swords.



Now there was at that time a dwarf called Andvari, who lived in a pool beneath a waterfall, and there he had hidden a great hoard of gold. And one day Otter had been fishing there, and had killed a salmon and eaten it, and was sleeping, like an otter, on a stone. Then someone came by, and threw a stone at the otter and killed it, and flayed off the skin, and took it to the house of Otter's father. Then he knew his son was dead, and to punish the person who had killed him he said he must have the Otter's skin filled with gold, and covered all over with red gold, or it should go worse with him. Then the person who had killed Otter went down and caught the Dwarf who owned all the treasure and took it from him.

Only one ring was left, which the Dwarf wore, and even that was taken from him.

Then the poor Dwarf was very angry, and he prayed that the gold might never bring any but bad luck to all the men who might own it, for ever.

Then the otter skin was filled with gold and covered with gold, all but one hair, and that was covered with the poor Dwarf's last ring.

But it brought good luck to nobody. First Fafnir, the Dragon, killed his own father, and then he went and wallowed on the gold, and would let his brother have none, and no man dared go near it.

When Sigurd heard the story he said to Regin:

'Make me a good sword that I may kill this Dragon.'

So Regin made a sword, and Sigurd tried it with a blow on a lump of iron, and the sword broke.

Another sword he made, and Sigurd broke that too.



Then Sigurd went to his mother, and asked for the broken pieces of his father's blade, and gave them to Regin. And he hammered and wrought them into a new sword, so sharp that fire seemed to burn along its edges.

Sigurd tried this blade on the lump of iron, and it did not break, but split the iron in two. Then he threw a lock of wool into the river, and when it floated down against the sword it was cut into two pieces. So Sigurd said that sword would do. But before he went against the Dragon he led an army to fight the men who had killed his father, and he slew their King, and took all his wealth, and went home.

When he had been at home a few days, he rode out with Regin one morning to the heath where the Dragon used to lie. Then he saw the track which the Dragon made when he went to a cliff to drink, and the track was as if a great river had rolled along and left a deep valley.

Then Sigurd went down into that deep place, and dug many pits in it, and in one of the pits he lay hidden with his sword drawn. There he waited, and presently the earth began to shake with the weight of the Dragon as he crawled to the water. And a cloud of venom flew before him as he snorted and roared, so that it would have been death to stand before him.

But Sigurd waited till half of him had crawled over the pit, and then he thrust the sword Gram right into his very heart.

Then the Dragon lashed with his tail till stones broke and trees crashed about him.

Then he spoke, as he died, and said:

'Whoever thou art that hast slain me this gold shall be thy ruin, and the ruin of all who own it.'

Sigurd said:



'I would touch none of it if by losing it I should never die. But all men die, and no brave man lets death frighten him from his desire. Die thou, Fafnir,' and then Fafnir died.

And after that Sigurd was called Fafnir's Bane, and Dragonslayer.

Then Sigurd rode back, and met Regin, and Regin asked him to roast Fafnir's heart and let him taste of it.

So Sigurd put the heart of Fafnir on a stake, and roasted it. But it chanced that he touched it with his finger, and it burned him. Then he put his finger in his mouth, and so tasted the heart of Fafnir.

Then immediately he understood the language of birds, and he heard the Woodpeckers say:

'There is Sigurd roasting Fafnir's heart for another, when he should taste of it himself and learn all wisdom.'

The next bird said:

'There lies Regin, ready to betray Sigurd, who trusts him.'

The third bird said:

'Let him cut off Regin's head, and keep all the gold to himself.'

The fourth bird said:

'That let him do, and then ride over Hindfell, to the place where Brynhild sleeps.' When Sigurd heard all this, and how Regin was plotting to betray him, he cut off Regin's head with one blow of the sword Gram. Then all the birds broke out singing:



'We know a fair maid,
A fair maiden sleeping;
Sigurd, be not afraid,
Sigurd, win thou the maid
Fortune is keeping.

'High over Hindfell
Red fire is flaming,
There doth the maiden dwell
She that should love thee well,
Meet for thy taming.

'There must she sleep till thou
Comest for her waking
Rise up and ride, for now
Sure she will swear the vow
Fearless of breaking.'

Then Sigurd remembered how the story went that somewhere, far away, there was a beautiful lady enchanted. She was under a spell, so that she must always sleep in a castle surrounded by flaming fire; there she must sleep for ever till there came a knight who would ride through the fire and waken her. There he determined to go, but first he rode right down the horrible trail of Fafnir. And Fafnir had lived in a cave with iron doors, a cave dug deep



down in the earth, and full of gold bracelets, and crowns, and rings; and there, too, Sigurd found the Helm of Dread, a golden helmet, and whoever wears it is invisible. All these he piled on the back of the good horse Grani, and then he rode south to Hindfell.

Now it was night, and on the crest of the hill Sigurd saw a red fire blazing up into the sky, and within the flame a castle, and a banner on the topmost tower. Then he set the horse Grani at the fire, and he leaped through it lightly, as if it had been through the heather. So Sigurd went within the castle door, and there he saw someone sleeping, clad all in armour. Then he took the helmet off the head of the sleeper, and behold, she was a most beautiful lady. And she wakened and said, 'Ah! is it Sigurd, Sigmund's son, who has broken the curse, and comes here to waken me at last?'

This curse came upon her when the thorn of the tree of sleep ran into her hand long ago as a punishment because she had displeased Odin the God. Long ago, too, she had vowed never to marry a man who knew fear, and dared not ride through the fence of flaming fire. For she was a warrior maid herself, and went armed into the battle like a man. But now she and Sigurd loved each other, and promised to be true to each other, and he gave her a ring, and it was the last ring taken from the dwarf Andvari. Then Sigurd rode away, and he came to the house of a King who had a fair daughter. Her name was Gudrun, and her mother was a witch. Now Gudrun fell in love with Sigurd, but he was always talking of Brynhild, how beautiful she was and how dear. So one day Gudrun's witch mother put poppy and forgetful drugs in a magical cup, and bade Sigurd drink to her health, and he drank, and instantly he forgot poor Brynhild and he loved Gudrun, and they were married with great rejoicings.

Now the witch, the mother of Gudrun, wanted her son Gunnar to marry Brynhild, and she bade him ride out with Sigurd and go and woo her. So forth they rode to her father's house, for Brynhild had quite gone out of Sigurd's mind by reason of the witch's wine, but she remembered him and loved him still. Then Brynhild's father told Gunnar that she would marry none but him who could ride the flame in front of her enchanted tower, and thither they



rode, and Gunnar set his horse at the flame, but he would not face it. Then Gunnar tried Sigurd's horse Grani, but he would not move with Gunnar on his back. Then Gunnar remembered witchcraft that his mother had taught him, and by his magic he made Sigurd look exactly like himself, and he looked exactly like Gunnar. Then Sigurd, in the shape of Gunnar and in his mail, mounted on Grani, and Grani leaped the fence of fire, and Sigurd went in and found Brynhild, but he did not remember her yet, because of the forgetful medicine in the cup of the witch's wine.

Now Brynhild had no help but to promise she would be his wife, the wife of Gunnar as she supposed, for Sigurd wore Gunnar's shape, and she had sworn to wed whoever should ride the flames. And he gave her a ring, and she gave him back the ring he had given her before in his own shape as Sigurd, and it was the last ring of that poor dwarf Andvari. Then he rode out again, and he and Gunnar changed shapes, and each was himself again, and they went home to the witch Queen's, and Sigurd gave the dwarf's ring to his wife, Gudrun. And Brynhild went to her father, and said that a King had come called Gunnar, and had ridden the fire, and she must marry him. 'Yet I thought,' she said, 'that no man could have done this deed but Sigurd, Fafnir's bane, who was my true love. But he has forgotten me, and my promise I must keep.'

So Gunnar and Brynhild were married, though it was not Gunnar but Sigurd in Gunnar's shape, that had ridden the fire.

And when the wedding was over and all the feast, then the magic of the witch's wine went out of Sigurd's brain, and he remembered all. He remembered how he had freed Brynhild from the spell, and how she was his own true love, and how he had forgotten and had married another woman, and won Brynhild to be the wife of another man.



But he was brave, and he spoke not a word of it to the others to make them unhappy. Still he could not keep away the curse which was to come on every one who owned the treasure of the dwarf Andvari, and his fatal golden ring.

And the curse soon came upon all of them. For one day, when Brynhild and Gudrun were bathing, Brynhild waded farthest out into the river, and said she did that to show she was Gudrun's superior. For her husband, she said, had ridden through the flame when no other man dared face it.

Then Gudrun was very angry, and said that it was Sigurd, not Gunnar, who had ridden the flame, and had received from Brynhild that fatal ring, the ring of the dwarf Andvari.

Then Brynhild saw the ring which Sigurd had given to Gudrun, and she knew it and knew all, and she turned as pale as a dead woman, and went home. All that evening she never spoke. Next day she told Gunnar, her husband, that he was a coward and a liar, for he had never ridden the flame, but had sent Sigurd to do it for him, and pretended that he had done it himself. And she said he would never see her glad in his hall, never drinking wine, never playing chess, never embroidering with the golden thread, never speaking words of kindness. Then she rent all her needlework asunder and wept aloud, so that everyone in the house heard her. For her heart was broken, and her pride was broken in the same hour. She had lost her true love, Sigurd, the slayer of Fafnir, and she was married to a man who was a liar.

Then Sigurd came and tried to comfort her, but she would not listen, and said she wished the sword stood fast in his heart.

'Not long to wait,' he said, 'till the bitter sword stands fast in my heart, and thou will not live long when I am dead. But, dear Brynhild, live and be comforted, and love Gunnar thy husband, and I will give thee all the gold, the treasure of the dragon Fafnir.'

Brynhild said:



'It is too late.'

Then Sigurd was so grieved and his heart so swelled in his breast that it burst the steel rings of his shirt of mail.

Sigurd went out and Brynhild determined to slay him. She mixed serpent's venom and wolf's flesh, and gave them in one dish to her husband's younger brother, and when he had tasted them he was mad, and he went into Sigurd's chamber while he slept and pinned him to the bed with a sword. But Sigurd woke, and caught the sword Gram into his hand, and threw it at the man as he fled, and the sword cut him in twain. Thus died Sigurd, Fafnir's bane, whom no ten men could have slain in fair fight. Then Gudrun wakened and saw him dead, and she moaned aloud, and Brynhild heard her and laughed; but the kind horse Grani lay down and died of very grief. And then Brynhild fell a-weeping till her heart broke. So they attired Sigurd in all his golden armour, and built a great pile of wood on board his ship, and at night laid on it the dead Sigurd and the dead Brynhild, and the good horse, Grani, and set fire to it, and launched the ship. And the wind bore it blazing out to sea, flaming into the dark. So there were Sigurd and Brynhild burned together, and the curse of the dwarf Andvari was fulfilled.

The Volsunga Saga

A ESTÓRIA DE SIGURD

[Esta é uma estória muito antiga: os daneses que costumavam lutar com os ingleses nos tempos do Rei Alfredo conheciam esta estória. Eles gravaram nas rochas imagens de algumas das coisas que se passam na narrativa, e esses entalhes podem ainda ser vistos. Por ser tão antiga e tão bela, a estória é novamente contada aqui, mas ela tem um final triste – de fato, ela é triste por

inteiro, e trata somente de lutas e matanças, como é de se esperar dos daneses.]

Era uma vez um Rei no Norte que vencera muitas guerras, mas que estava agora idoso. Ainda assim, tomou uma nova esposa, e então outro Príncipe, que gostaria de ter se casado com ela, lançou-se contra ele com um grande exército. O velho Rei partiu e lutou bravamente, mas, afinal, sua espada se quebrou e ele foi ferido, e seus homens fugiram. À noite, contudo, quando a batalha havia acabado, sua jovem esposa saiu e procurou por ele entre os mortos. Por fim, encontrou-o e perguntou-lhe se havia como curá-lo. Mas ele disse 'Não' e que sua sorte se fora, sua espada se quebrara e ele haveria de morrer. E ele lhe disse que ela teria um filho, e que aquele filho seria um grande guerreiro que o vingaria junto ao outro Rei, seu inimigo. E ele a instou a guardar as lascas de sua espada, para que forjasse uma nova para seu filho. E aquela lâmina deveria se chamar *Gram*.

E, então, ele morreu. E sua esposa chamou a criada e lhe disse:

- Troquemos de roupas, e você será chamada por meu nome, e eu pelo seu, para que o inimigo não nos descubra.

E assim foi feito, e elas se esconderam num bosque, mas alguns estrangeiros as encontraram, e as levaram num navio para a Dinamarca. E, quando foram trazidas diante do Rei, ele pensou que a criada parecia uma Rainha, e que a Rainha parecia uma criada. Ele perguntou à Rainha:⁶

- Como você sabe, no escuro da noite, se as horas correm para o amanhecer?

⁶ Há aqui uma pequena imprecisão no original. Lang diz que o Rei fez uma pergunta à Rainha, mas não especifica que ela era, na verdade, a criada vestida de Rainha. Em seguida ele repete a pergunta, dessa vez para a Rainha vestida de criada (N. do T.).



- Eu sei porque, quando era jovem, precisava me levantar e acender o fogo, e eu ainda me levanto à mesma hora.

- Que estranho uma Rainha acender o fogo - pensou o Rei.

E então ele perguntou à Rainha, que estava vestida como criada:

- Como você sabe, no escuro da noite, se as horas correm para o amanhecer?

- Meu pai me deu um anel de ouro, - disse ela, - e, antes da alvorada, ele sempre fica frio em meu dedo.

- Uma rica casa é essa onde as criadas usam ouro - disse o Rei. - A verdade é que você não é criada, mas filha de Rei.

E então ele a tratou regiamente e, com o passar do tempo, ela teve um filho chamado Sigurd, um menino belo e muito forte. Ele tinha um tutor que o acompanhava e, certa feita, ele o mandou ao Rei para pedir-lhe um cavalo.

- Escolha um cavalo para você, - disse o Rei. E Sigurd foi até o bosque, e lá encontrou um ancião de barba branca, e disse:

- Venha! Ajude-me a escolher um cavalo.

E o velho disse:

- Conduza todos os cavalos para dentro do rio, e escolha aquele que atravessá-lo a nado.

E então Sigurd os conduziu, e apenas um atravessou o rio. Sigurd o escolheu: seu nome era Grani, da linhagem de Sleipnir, e era o melhor cavalo do mundo. Pois Sleipnir era o cavalo de Odin, o Deus do Norte, e era rápido como o vento.

Mas um ou dois dias depois, o tutor disse a Sigurd:

- Há um vasto tesouro escondido não muito longe daqui, e lhe assentaria bem se você o conquistasse.

Mas Sigurd respondeu:

- Ouvi histórias desse tesouro, e sei que o dragão Fafnir o guarda. E sei que ele é tão grande e perverso que homem nenhum ousa se aproximar dele.

- Ele não é maior do que outros dragões, - disse seu tutor, - e se fosse tão corajoso quanto seu pai, você não o temeria.

- Não sou covarde, - disse Sigurd, - por que você quer que eu lute com esse dragão?

Então seu tutor, cujo nome era Regin, contou-lhe que todo esse monte de ouro rubro pertencera, certa vez, a seu próprio pai. E seu pai tinha três filhos: o primeiro era Fafnir, o Dragão; o outro era Otter, que conseguia assumir a forma de uma lontra quando queria; e o terceiro era ele mesmo, Regin, e ele era um grande ferreiro e forjador de espadas.

Ora, houve uma vez um anão chamado Andvari, que vivia numa lagoa sob uma cascata, e lá ele escondia um grande tesouro. E um dia Otter foi até lá pescar, apanhou um salmão, comeu-o e estava dormindo, na forma de lontra, sobre uma rocha. Então alguém veio e atirou uma pedra na lontra, matando-a, arrancou-lhe a pele e a levou para a casa do pai de Otter. Então ele percebeu que seu filho estava morto e, para punir a pessoa que o havia matado, ele exigiu como recompensa a pele de Otter preenchida com ouro e inteiramente recoberta de ouro rubro, ou o assassino seria submetido ao que há de pior. Então, a pessoa que matara Otter saiu e encurralou o Anão que possuía todo o tesouro e o tomou dele.

O único anel que sobrara, aquele que o Anão usava, esse também lhe foi tirado.

E o pobre Anão estava tão furioso que predisse que o ouro jamais traria outra sorte senão a desdita a todos os que o possuíssem, para sempre.

E a pele da lontra foi preenchida com ouro e coberta com ouro, com exceção de um fio, e esse fio foi coberto com o último anel do pobre Anão.

Mas isso não trouxe boa sorte a ninguém. Fafnir, o Dragão, logo matou seu próprio pai, e então foi se refestelar sobre o ouro, sem permitir que seu irmão pegasse nada, e homem nenhum ousava se aproximar.



Quando Sigurd ouviu a história, ele disse a Regin:

- Faça-me uma boa espada para que eu possa matar esse Dragão.

Então Regin forjou uma espada, e Sigurd a testou com um golpe num pedaço de ferro, e a espada se partiu.

Outra espada ele forjou, e Sigurd também a quebrou.

Então Sigurd foi até sua mãe, e pediu-lhe os pedaços da lâmina de seu pai, dando-os então para Regin. E ele os martelou e os trabalhou numa nova espada, tão afiada que parecia flamejante ao longo de suas bordas.

Sigurd testou a lâmina num pedaço de ferro, e ela não se quebrou, partindo o ferro em dois. E então ele atirou uma mecha de lã ao rio e, ao flutuar em direção à espada, partiu-se em dois pedaços. E Sigurd atestou que a espada serviria. Mas, antes de ir enfrentar o dragão, ele liderou um exército para lutar contra os homens que haviam matado seu pai, e ele trucidou seu rei, tomou-lhe toda sua riqueza e voltou para seu lar.

Após passar alguns dias em sua terra, certa manhã Sigurd cavalgou com Regin até o urzal onde o Dragão costumava ficar. Ele viu, então, o rastro que o Dragão deixava quando ia a um desfiladeiro beber água, e o rastro era como se um grande rio houvesse passado e aberto um vale profundo.

Então, Sigurd desceu àquela região profunda, e lá cavou muitos fossos, e em um deles se escondeu com sua espada desembainhada. Ali Sigurd esperou, e logo a terra começou a tremer com o peso do Dragão se arrastando para a água. E uma nuvem venenosa pairava à sua frente quando ele resfolegava e bramia, de modo que a morte esperava quem se postasse em seu caminho.

Mas Sigurd esperou até que o Dragão tivesse rastejado com metade do corpo sobre o fosso, e então enfiou a espada Gram diretamente em seu coração.

E o Dragão chicoteou com sua cauda até que rochas se partiram e árvores colapsaram à sua volta.

Enquanto morria, ele falou, dizendo:

- Quem quer que sejas, tu que me mataste, este ouro há de ser tua ruína, e a ruína de todos os que o possuem.

Sigurd disse:

- Eu jamais o tocaria se, ao renunciar a ele, eu estivesse livre da morte. Mas todos os homens morrem, e nenhum homem de coragem permite que a morte o amedronte, afastando-o de seus desejos. Morre tu, Fafnir.

E Fafnir morreu.

E após isso Sigurd foi chamado de A Ruína de Fafnir e Matador de Dragão.

Sigurd, então, cavalgou de volta, e encontrou Regin, que lhe pediu que assasse o coração de Fafnir e lhe permitisse degustá-lo. Sigurd então enfiou o coração de Fafnir numa estaca e o assou. Mas aconteceu de ele tocá-lo com seu dedo e, com isso, se queimou. Ele então colocou o dedo na boca e, assim, provou do coração de Fafnir.

Imediatamente passou a entender a linguagem dos pássaros, e ouviu os pica-paus dizendo:

- Ali está Sigurd assando o coração de Fafnir para outro, quando ele próprio deveria consumi-lo e adquirir toda a sabedoria.

O outro pássaro disse:

- Ali está Regin, pronto para trair Sigurd, que confia nele.

- Que ele corte a cabeça de Regin e guarde todo o tesouro para si próprio. E o quarto pássaro disse:

- Que faça isso e, então, cavalgue para Hindfell, para o lugar onde Brynhild está adormecida.

Quando Sigurd ouviu tudo isso, e soube como Regin estava tramando para traí-lo, ele cortou a cabeça de Regin com um só golpe da espada Gram.

E todos os pássaros irromperam em canto:

Sabemos de uma donzela
Dormindo um sono de morte;
Sigurd, vai atrás dela,
Sem medo, conquista a bela
Resguardada pela Sorte.

Cercada em chama encarnada,
Em Hindfell, lá nas alturas
A dama tem sua morada;
A que há de ser bem-amada
E mansa, por tua bravura.

Sua sina será dormir
Se não fores acordá-la.
Prepara-te p'ra partir.
Promessa há de proferir,

Sem ter medo de quebrá-la.

E Sigurd, então, lembrou-se da história de que, em algum lugar muito distante, havia uma bela donzela encantada. Ela estava sob um feitiço que a mantinha adormecida num castelo rodeado por altas labaredas de fogo; ali ela estava condenada a dormir para sempre até a chegada de um cavaleiro capaz de atravessar o fogo com seu cavalo e despertá-la. Para lá Sigurd decidiu ir, mas antes ele cavalgou pelo rastro pavoroso de Fafnir. O Dragão vivera numa caverna de portas férreas escavada profundamente na terra, repleta de braceletes de ouro, e coroas, e anéis. Ali Sigurd também encontrou o Elmo do Terror, um elmo dourado que tornava invisível todo aquele que o usasse. Tudo isso ele empilhou sobre seu bom cavalo Grani, e então partiu para o sul, rumo a Hindfell.

Era noite agora e, no topo da colina, Sigurd viu um fogo rubro lançando fagulhas ardentes até o céu, e dentro das chamas havia um castelo, e um pavilhão tremulava no topo da torre mais alta. Ele então impeliu até o fogo o cavalo Grani, que saltou suavemente através dele, como se estivesse atravessando a urze. Assim entrou Sigurd pelo portão do castelo, e ali viu alguém adormecido, vestindo uma armadura completa. Ele então retirou da pessoa adormecida o elmo e - que surpresa! - era uma belíssima donzela. E ela despertou, dizendo:

- Ah! Seria Sigurd, filho de Sigmund, que acabou com a maldição e finalmente veio me despertar?

Essa maldição caíra sobre ela quando o espinho da árvore do sono a espetara na mão, há muito tempo, como forma de punição por ter contrariado Odin, o Deus. Também há muito tempo ela havia jurado jamais se casar com um homem que demonstrasse medo, e que não ousasse galgar pela barreira de flamante fogo. Pois ela mesma era uma donzela-guerreira, e batalhara armada como homem. Mas agora ela e Sigurd passaram a amar um ao outro, e ele deu a ela um anel, justamente o último anel tomado do anão Andvari.

Sigurd, então, partiu, e acabou chegando na morada de um Rei que tinha uma bela filha. O nome dela era Gudrun, e sua mãe era uma feiticeira. Ora, Gudrun se apaixonou por Sigurd, mas ele estava sempre a falar de Brynhild, e de quão bela era, e quão amada. Eis que um dia a mãe feiticeira de Gudrun colocou papoula e ervas de esquecimento num cálice mágico, e pediu que Sigurd bebesse à sua saúde, e ele o fez, e instantaneamente esqueceu-se da pobre Brynhild, e passou a amar Gudrun, e eles se casaram com grande júbilo.

Agora a feiticeira, mãe de Gudrun, quis que seu filho Gunnar se casasse com Brynhild, e então pediu a ele que cavalgasse com Sigurd e fosse cortejá-la. E, assim, foram até a casa do pai dela, pois, devido ao vinho da feiticeira, Sigurd havia se esquecido de Brynhild, mas ela se lembrava dele e ainda o amava. O pai de Brynhild então disse a Gunnar que ela não se casaria com ninguém senão com aquele que conseguisse galgar através das chamas defronte à sua torre encantada. Até lá eles cavalgaram, e Gunnar impeliu seu cavalo para o fogo, mas ele não se atreveu a enfrentá-lo. Ele então tentou com o cavalo de Sigurd, Grani, mas ele não deu um passo sequer com Gunnar montado nele. Então ele se lembrou de um feitiço que sua mãe lhe havia ensinado e, usando essa magia, fez Sigurd parecer exatamente como Gunnar, e ele próprio exatamente como Sigurd.

Então Sigurd, na forma de Gunnar e com sua cota de malha, montou em Grani, e o cavalo saltou pela barreira de fogo, e Sigurd entrou e encontrou Brynhild. Ele continuava sem se lembrar dela devido à poção de esquecimento que a feiticeira colocara no vinho do cálice.

E Brynhild agora não tinha escolha senão jurar ser sua esposa, a esposa de Gunnar, como supunha, pois Sigurd tomara a forma de Gunnar, e ela havia jurado se casar com qualquer um que atravessasse as chamas. E ele deu a ela um anel, e ela lhe devolveu o anel com que ele a havia presenteado como Sigurd, o último anel do pobre anão Andvari.

E então ele e seu cavalo retornaram para fora e Sigurd trocou de forma com Gunnar, de modo que eram agora eles mesmos. Voltaram para a casa da Rainha feiticeira, e Sigurd



entregou o anel de Andvari para sua esposa, Gudrun. E Brynhild foi ter com seu pai, e disse que um Rei chamado Gunnar viera e transpusera o fogo e ela teria de se casar com ele.

- E, ainda assim, eu pensava, – disse ela – que ninguém seria capaz desse feito a não ser Sigurd, a Ruína de Fafnir, que era meu verdadeiro amor. Mas ele se esqueceu de mim, e minha promessa eu devo manter.

Assim, Gunnar e Brynhild se casaram, ainda que não tivesse sido Gunnar, mas Sigurd na forma dele, que atravessara fogo.

E, quando a cerimônia estava encerrada, e toda a festa, aí então a magia do vinho da feiticeira perdeu efeito na cabeça de Sigurd, e ele se lembrou de tudo. Lembrou-se de como libertara Brynhild do feitiço, e de que era ela seu verdadeiro amor, e de como ele se esquecera e se casara com outra mulher, e conquistara Brynhild para desposar outro homem.

Mas ele era valente, e não disse uma palavra sobre isso aos outros, para não estragá-lhes a felicidade. Ainda assim, ele não tinha o poder de afastar a maldição que cairia sobre todos os que possuíssem o tesouro do anão Andvari, e seu fatal anel de ouro.

E a maldição logo atingiu todos eles. Pois um dia, quando Brynhild e Gudrun se banhavam, Brynhild avançou vários passos mais para o meio do rio e disse que o fizera para se mostrar superior a Gudrun. Pois seu marido, disse ela, havia atravessado as chamas quando nenhum outro homem ousara fazê-lo.

E Gudrun se pôs furiosa, e disse que fora Sigurd, e não Gunnar, que havia transposto as chamas, e que recebera de Brynhild aquele anel mortal, o anel do anão Andvari.

Brynhild então viu o anel que Sigurd havia dado a Gudrun e, assim, soube de tudo; empalideceu como se estivesse morta, e voltou para casa. Durante toda a noite não disse uma palavra sequer. No dia seguinte chamou seu marido Gunnar de covarde e mentiroso, pois ele nunca cruzara as chamas, mandando Sigurd em seu lugar, e fingindo tê-lo feito ele próprio. E disse que ele jamais a veria feliz em seu palácio, ou bebendo vinho, ou jogando xadrez, ou

bordando com fios de ouro, ou tampouco pronunciando palavras gentis. Ela então rasgou todos os seus bordados e soluçou alto, para que todos na casa a ouvissem. Pois a um só tempo seu coração fora partido e seu orgulho, despedaçado. Perdera seu verdadeiro amor, Sigurd, o matador de Fafnir, e se casara com um mentiroso.

E Sigurd aproximou-se e tentou confortá-la, mas ela não quis ouvir, e disse que desejava que uma espada estivesse cravada em seu coração.

- Não terás que esperar muito, - disse ele, - para que uma espada seja cravada em meu coração. E tu não viverás muito depois que eu morrer. Mas, querida Brynhild, vive e te reconforta, e ama Gunnar, teu marido, e eu te darei todo o ouro, o tesouro do dragão Fafnir.

E Brynhild disse:

- É tarde demais.

E Sigurd ficou tão aflito, e seu coração inchou-se tanto em seu peito que estourou os anéis de aço em sua cota de malha.

Sigurd saiu, e Brynhild decidiu que iria matá-lo. Misturou peçonha de serpente e carne de lobo e ofereceu num prato para o irmão mais novo de seu marido. Quando ele os tinha ingerido, enlouqueceu, e entrou nos aposentos de Sigurd enquanto ele dormia, e fincou-o na cama com uma espada. Mas Sigurd acordou, agarrou a espada Gram e atirou-a no homem que fugia, e a espada o cortou em dois. Assim morreu Sigurd, a Ruína de Fafnir, cuja vida dez homens não conseguiriam tirar em batalha justa. E Gudrun acordou e o viu morto, e lamentou-se alto. E Brynhild a ouviu e gargalhou, mas o dócil cavalo Grani deitou-se e morreu de tanto pesar. E Brynhild se pôs a chorar até que seu coração se dilacerou. Vestiram Sigurd em sua armadura dourada, e em seu navio ergueram uma grande pilha de lenha e, sobre ela, à noite, depositaram o corpo de Sigurd e o de Brynhild, e o do bom cavalo Grani, e atearam-lhe fogo e lançaram-no ao mar. E o vento o conduziu, ardente, rumo à escuridão. E assim Sigurd e Brynhild arderam juntos, e a maldição do anão Andvari estava cumprida.

A Saga dos Volsungos

3. Análise

No curto prefácio ao seu *Red Fairy Book*, Andrew Lang (1890, s/p) afirma que ‘A Estória de Sigurd’, da maneira que está apresentada em seu livro, é resultado de uma “condensação” da *Saga dos Volsungos*, conforme a tradução em prosa feita por William Morris em 1870. O que Lang fez, no entanto, não foi meramente tomar um punhado de capítulos da saga islandesa, aparar arestas, remover cenas desagradáveis e apresentar para seu público infantil uma versão higienizada do percurso de Sigurd: o processo de adaptação e transformação foi mais complexo do que uma simples “condensação”. Este breve estudo se dedica a explorar três aspectos da transição do épico para o conto de fadas, a saber: o apagamento de personagens, a inclusão de elementos típicos do gênero para o qual Lang transpôs a estória e a transformação que se operou no poema presente no texto. Antes de prosseguir para o estudo, porém, é necessário situar o contexto no qual a estória de Andrew Lang floresceu.

*

A *Saga dos Volsungos* é um texto islandês anônimo do século XIII, cujo principal testemunho é um manuscrito que hoje se encontra na Biblioteca Real da Dinamarca, do qual procedem cópias em papel produzidas entre os séculos XVII e XIX (Byock, 1990, p. 31). A história contada na saga está intimamente relacionada com a também islandesa *Edda Poética* e serviu, inclusive, para esclarecer elementos das narrativas édicas que se perderam com o desaparecimento de alguns fólhos do Codex Regius, o manuscrito em que a *Edda Poética* está contida (Larrington, 2014, p. xii).

Grande parte da *Saga dos Volsungos* é dedicada, como se sabe, aos acontecimentos da vida de Sigurd. De fato, Christopher Tolkien, na introdução a *The Legend of Sigurd and Gudrún*, escrita por seu pai, J.R.R. Tolkien, afirma que a intenção do autor da saga foi combinar

narrativas contraditórias sobre Sigurd e Brynhild (Tolkien, 2009, p. 39). O resultado, ainda segundo Christopher Tolkien,

é certamente misterioso, mas (em seu ponto central), insatisfatório: como se fosse um quebra-cabeça apresentado como completo, mas no qual o desenho almejado é incompreensível e contraditório consigo mesmo.⁷

(Tolkien, 2009, p. 39)

Apesar disso, a *Saga dos Volsungos* teve suficiente apelo para que o inglês William Morris a traduzisse em 1870, juntamente com Eiríkr Magnússon.⁸ Para Hascall (1968, p. 19), a tradução em prosa de Morris é objetiva e próxima do original, fazendo uso de um vocabulário arcaico e poético na tentativa de preservar algo do estranhamento que um leitor islandês sentiria ao ler o texto medieval.⁹

⁷ No original: “[...] is certainly mysterious, but (in its central point) unsatisfying: as it were a puzzle that is presented as completed but in which the looked for design is incomprehensible and at odds with itself”.

⁸ Apesar de a tradução da *Saga dos Volsungos* ter sido feita por ambos, Magnússon frequentemente não é lembrado como cotradutor. O próprio Andrew Lang não faz uma única menção a ele em seu prefácio, apesar de mencionar Morris, e Tolkien (apud Anderson; Flieger 2014, p. 188) igualmente não dá crédito a Magnússon em sua alusão à ‘Estória de Sigurd’. Por sua vez, Hammond e Scull (2017, p. 797) mencionam a colaboração de ambos na tradução de algumas sagas islandesas, mas erroneamente afirmam que Morris traduziu a *Saga dos Volsungos* sozinho. Seguindo a decisão de Lang, adotaremos neste trabalho apenas o nome de Morris como tradutor, exceto nas referências, onde os dois são mencionados. Um excelente estudo sobre a natureza da colaboração entre Magnússon e Morris pode ser encontrado no artigo de Marjorie Burns (sem data e sem página) listado nas referências bibliográficas.

⁹ Alguns vestígios arcaizantes sobrevivem no conto de Lang, particularmente no uso do pronome “thou” e em palavras como “meet”, no poema. Para um exame das traduções de Morris de textos islandeses, veja Felce, 2016.



Foi dessa tradução que Andrew Lang retirou material para seu conto, numa passagem que envolveu uma pesada seleção, além de reduções, substituições, reescrituras e alterações de outros tipos.

A comparação entre a saga e o conto nos mostra, inicialmente, que Lang utilizou grande parte da narrativa islandesa, mas não ela inteira. Especificamente, 'A Estória de Sigurd' corresponde aos capítulos que vão do 11 ao 32 na *Saga dos Volsungos* de William Morris.¹⁰ Essa escolha é esperada, afinal ele inclui somente os episódios imediatamente anteriores ao nascimento do herói Sigurd, foco do conto, até seu funeral.

Contudo, mesmo após definir as balizas de sua adaptação, Lang ainda ceifou alguns capítulos inteiros, reduziu drasticamente o conteúdo de outros e, no fim, as cerca de 19.500 palavras do texto-fonte tornaram-se um conto com pouco mais de 3.000 palavras. Todo o capítulo 17, por exemplo, foi resumido por Lang em três linhas e os capítulos 22 a 25 foram eliminados sem cerimônia, exceto por uma breve menção ao anel que Sigurd entrega a Brynhild, retirado do capítulo 24 da saga.¹¹

O trabalho de separação, redução e exclusão é, no contexto do *Red Fairy Book*, natural e necessário, já que 'A Estória de Sigurd' divide espaço com mais de trinta outras narrativas. Mas o leitor do conto há de reparar que, além dos cortes, Lang julgou necessário fazer outras alterações profundas no tecido narrativo. Uma delas diz respeito aos nomes de muitos personagens. Vejamos o que diz o texto de Lang:

¹⁰ Morris frequentemente funde capítulos menores e, por isso, a numeração dos capítulos em sua tradução diverge daquele presente em traduções mais recentes, como as de Byock para o inglês (1990) e Moosburger para o português (2009). Assim, o final do capítulo 32 em Morris coincide com o final do capítulo 33 em Byock e Moosburger.

¹¹ Os capítulos 22, 23 e 24 em Morris correspondem aos capítulos 23, 24 e 25 em Byock. Já o capítulo 25 em Morris é uma fusão dos capítulos 26 e 27 em Byock.



[...] um Rei no Norte que vencera muitas guerras, mas que estava agora idoso. Ainda assim, tomou uma nova esposa, e então outro Príncipe, que gostaria de ter se casado com ela, lançou-se contra ele com um grande exército.

(Lang, 1890, p. 357)

Ora, ainda que ocultados no início, sabemos pela *Saga dos Volsungos* quem são o rei, a esposa e o tal príncipe: são Sigmund, Hjordis e Lyngi (este, originalmente, também rei). Sabemos inclusive qual sua linhagem, mesmo que, como afirma Hascall (1968, p. 18), esta saga não se preocupe muito com longas listas genealógicas.

Os nomes de Hjordis e Lyngi, assim como sua estirpe, contudo, não aparecem em lugar algum no conto de Lang. O autor tende a apresentar difusamente, ou mesmo apagar, a maior parte dos personagens não estritamente ligados ao destino de Sigurd. É o que acontece com Grimhild, aludida sempre como “feiticeira” ou “mãe de Gudrun”; e com os irmãos de Gunnar, Hogni e Guttorm, praticamente eliminados, exceto por uma perífrase lexical desse último como “irmão mais novo de seu marido”, isto é, do marido de Brynhild.

O nome de Sigmund, por outro lado, é incluído uma única vez na narrativa, quando Sigurd desperta Brynhild, que diz: “Ah! Seria Sigurd, filho de Sigmund” (Lang, 1890, p. 362). É uma referência que poderia tanto passar despercebida para o leitor quanto despertar sua curiosidade, fazendo-o querer descobrir mais sobre Sigmund. De todo modo, essa única aparição do nome “Sigmund” é inconsistente com a prática habitual de Lang, que tem o costume de remover nomes do seu conto. Há que se considerar a hipótese de esse nome ter sobrevivido como vestígio acidental no processo de transposição do épico para o conto de fadas.

O apagamento mais conspícuo, porém, é o que se verifica no episódio da morte de Otter, irmão de Regin e Fafnir. No conto de Lang (1890, p. 358), lemos que “alguém veio e atirou uma pedra na lontra e a matou”. Pela *Saga dos Volsungos*, porém, sabemos que “alguém”

é ninguém menos do que o deus Loki, que naquele momento estava acompanhado dos também deuses Odin e Hœnir.¹² Atualmente, os nomes de Odin e Loki são bem conhecidos, mas eles talvez soassem alienígenas para uma criança em 1890. É o que sugere o próprio Lang no prefácio a seu livro (1890, s/p) ao dizer que algumas das histórias ali compiladas talvez tenham o atrativo de serem menos familiares do que os contos de Perrault.

Contudo, mesmo incluindo a menos familiar ‘Estória de Sigurd’ em sua coletânea, a relutância de Lang em manter nomes demasiadamente exóticos, somada à sua tendência a remover elementos muito secundários, mostra que, para ele, seu público não precisava conhecer pormenores da literatura épica islandesa. “Um pouco de imprecisão às vezes economiza toneladas de explicação”, afirmou o escritor britânico Saki em um de seus contos: a estória de Lang parece operar nessa chave, já que ele mantém apenas o necessário para a compreensão do enredo. Isso, é claro, ajuda o editor a divorciar seu recorte narrativo do todo que lhe deu origem. Em outras palavras, Lang torna sua estória autossuficiente e, em silêncio, retira indicações de que a trajetória de seu herói é parte de um conjunto muito maior de intrincadas narrativas.

Mesmo com os diversos cortes, Lang também procurou situar minimamente o leitor, deixando algumas referências mais explícitas. Quando somos apresentados ao cavalo Grani, por exemplo, diz-se que ele era da linhagem de Sleipnir, “o cavalo de Odin, o Deus do Norte” (Lang, 1890, p. 358). É razoável supor que “o Deus do Norte” tenha sido incluído por Lang apenas para o bem dos leitores não acostumados com o panteão nórdico, já que o público original islandês certamente não teria dúvidas sobre a identidade de Odin. Situar o leitor é também a função da nota inicial de Lang ao seu conto:

¹² Segundo Byock (1990, p. 116), Hœnir é um deus “relativamente obscuro que aparece em diversos mitos relacionados à origem dos deuses e homens”.



Esta é uma estória muito antiga: os daneses que costumavam lutar com os ingleses nos tempos do Rei Alfredo conheciam esta estória. Eles gravaram nas rochas imagens de algumas das coisas que se passam na narrativa, e esses entalhes podem ainda ser vistos. Por ser tão antiga e tão bela, a estória é novamente contada aqui, mas ela tem um final triste—de fato, ela é triste por inteiro, e trata somente de lutas e matanças, como é de se esperar dos daneses.

(Lang, 1890, p. 357)

Descontemos o amargo comentário final de Lang sobre os daneses. Aqui nos interessa o fato de que, apesar dos muitos cortes, sua intenção era de que o leitor tivesse alguma ideia sobre o tempo e o lugar em que o enredo se passa e, para isso, ele precisou *acrescentar* coisas à narrativa, em vez de só *retirar*. A expressão “Esta é uma estória muito antiga” dá conta de explicar algo sobre o tempo em que se passa o conto. A referência a Alfredo, o Grande, cumpre o papel de simultaneamente reiterar a antiguidade da estória e trazer um nome familiar a seus leitores, especialmente um que é reconhecido por ganhar batalhas contra os dinamarqueses que, para Lang, só trazem guerra e matança. Por sua vez, a explicação sobre o local da narrativa aparece no já mencionado primeiro parágrafo em que Sigmund é chamado de “um Rei no Norte”. Ainda mais precisa é a referência dada também na primeira página, quando estranhos levam a Rainha e sua criada para a Dinamarca. A menção ao país está de fato presente na *Saga dos Volsungos*, mas a figura do Rei Alf, que sequestra Hjordis, foi eliminada, e seu pai, Hjalprek da Dinamarca, é referido apenas por seu título de “Rei”.

É na primeira linha também que Lang opera uma mudança aparentemente simples, mas fundamental para que pudesse legitimar a inclusão de ‘A Estória de Sigurd’ em sua coletânea: o acréscimo de “Once upon a time”.

Não foi a primeira vez que Lang deu ares de conto de fadas para uma narrativa de elevado teor mitológico. A esse respeito não se pode deixar de mencionar aquilo que o filólogo



inglês J.R.R. Tolkien disse nas notas a seu ensaio *On Fairy-stories*. Tolkien é, neste caso, uma referência importante, uma vez que seu texto, além de seminal para o estudo desse gênero, tem justamente Andrew Lang como protagonista. Diz Tolkien (2001, p. 81):

Quanto ao início das histórias de fadas: dificilmente se pode melhorar a fórmula *Era uma vez*. Ela tem um efeito imediato. Esse efeito pode ser apreciado ao lermos, por exemplo, a história *The Terrible Head*, no *Blue Fairy Book*. É a adaptação do próprio Andrew Lang da história de Perseu e da Górgona. Ela começa com 'era uma vez', e não indica ano, ou terra, ou pessoa. Ora, esse tratamento faz algo que poderia ser chamado de 'transformar mitologia em história de fadas'.¹³

Na tentativa de dar uma roupagem de história de fadas à sua versão da narrativa islandesa, Lang não apenas acopla a fórmula "Era uma vez", mas também modifica levemente o modo como reconta algumas cenas, tornando-as mais corteses e próximas de motivos recorrentes em contos de fadas. Por exemplo, quando Sigurd ouve os pássaros falarem sobre Brynhild adormecida, Lang enfatiza por três vezes a beleza da donzela-guerreira que, em sua história, precisa ser despertada e domada: um indício do tema da "donzela em perigo" levemente alterado. Na *Saga dos Volsungos*, ao contrário, apesar de a beleza de Brynhild ser mencionada, ela não é enfatizada: ali, o foco completo é na sabedoria e nos conselhos que ela pode passar para Sigurd.

A despeito das tentativas pontuais de "feerificar" a *Saga dos Volsungos*, Lang não foi completamente bem-sucedido em transformar 'A História de Sigurd' em um conto de fadas, pelo menos não de acordo com os critérios de Tolkien. Ainda na nota mencionada acima,

¹³ No original: "As for the beginnings of fairy-stories: one can scarcely improve on the formula Once upon a time. It has an immediate effect. This effect can be appreciated by reading, for instance, the fairy-story *The Terrible Head* in the *Blue Fairy Book*. It is Andrew Lang's own adaptation of the story of Perseus and the Gorgon. It begins 'once upon a time', and it does not name any year or land or person. Now this treatment does something which could be called 'turning mythology into fairy-story'."



Tolkien (2001, p. 81) prossegue dizendo que, se por um lado, a omissão completa do nome de Perseu, protagonista implícito de 'The Terrible Head', é um defeito e uma corrupção, por outro, a atemporalidade do conto, que omite qualquer tipo de indicação quanto à época em que se passa, é uma qualidade significativa. Seguindo o raciocínio de Tolkien, entende-se que, enquanto a narrativa de Sigurd tem a vantagem de nomear a "pessoa" logo no título, Lang também faz com que ela dê um passo para fora das fronteiras atemporais dos contos de fadas ao sugerir a época histórica (antes do reinado de Alfredo). Além disso, como se disse, Lang também fixa fronteiras físicas, indicando a "terra" (Norte/Dinamarca), o que descaracteriza a 'Estória de Sigurd' como conto de fadas na medida em que, para Tolkien (2001, p. 9), estórias de fadas não são estórias *sobre* fadas, mas sobre o *reino* em que elas vivem: presumivelmente em território não dinamarquês.

Outro indício de que Lang falhou, de certa forma, em "transformar mitologia em estória de fadas" é o fato de ele julgar necessário advertir o leitor logo no início de que esse conto não acaba bem. Não há "Felizes para sempre" arrematando o seu "Era uma vez". Ora, o final feliz é, para Tolkien (2001, p. 68), condição para uma estória de fadas ser completa. Mas a verdade é que os acontecimentos na trajetória do herói Sigurd, seja na saga ou no conto, não têm como desaguar em um desfecho alegre. O próprio Tolkien, num rascunho de *On Fairy-stories* (apud Anderson; Flieger, 2014, p. 188-189) admite que 'A Estória de Sigurd', "mesmo da maneira como está no *Red Fairy Book*, **não é um Conte des Fées**. É um prato indigesto para berçários",¹⁴ numa referência ao lugar para onde, segundo ele, as estórias de fadas foram relegadas.

Há, no conto de Lang, um último elemento que vale a pena ser examinado. Trata-se do pequeno poema cantado pelos pássaros, incitando Sigurd a seguir o caminho para Hindfell, onde uma bela dama jazia adormecida. Esse poema também tem origem na tradução de Morris

¹⁴ Grifo nosso. No original: "Even as it stands in the Red Fairy Book it is no Conte des Fées. It is strong meat for nurseries".



da *Saga dos Volsungos*, em que o tradutor explicitamente afirma que intercalou trechos da *Edda Poética* na trama da saga (Magnússon; Morris, 1870, p. vi-vii).

É o que acontece no capítulo 19, que narra o assassinato de Regin por Sigurd. Ao final do capítulo, Morris acrescenta as cinco últimas estrofes da *Canção de Fafnir*, encontrada na *Edda Poética*, e que correspondem, tematicamente, àquele episódio da saga.¹⁵

Segundo Larrington (2014, p. xxix), a *Canção de Fafnir* é uma mescla de dois esquemas métricos diferentes, mas a canção dos pássaros foi composta no metro édico mais comum, chamado *fornyrðislag*, baseado em tonicidade e aliterações. Em sua tradução, Morris também procurou trazer a aliteração para o poema. Vejamos, por exemplo, a primeira estrofe de sua versão:

Bind thou, Sigurd,
The bright red rings!
Not meet it is
Many things to fear.
A fair may know I,
Fair of all the fairest
Girt about with gold,
Good for thy getting.

(Magnússon; Morris, 1870, p. 66)

¹⁵ Na tradução de Carolyne Larrington, essas estrofes são as de número 40 a 44 na *Lay of Fafnir* (Larrington, 2014, pp. 260-261).



Apesar de Morris separar os hemistíquios dos versos e de não aderir completamente às exigências do metro édico, nota-se uma preocupação com a sonoridade aliterante, vista por exemplo no grupo “girt/gold/good/getting”, e com a “fidelidade” ao texto de partida.¹⁶

Quando adaptou o poema traduzido por Morris para inseri-lo em ‘A Estória de Sigurd’, Andrew Lang novamente selecionou e transformou seu material. Assim, para não precisar incluir mais elementos do que o necessário à ação de seu conto, Lang retirou do poema alusões ao cavalo Vinskornir e às Nornas; transferiu a menção ao Rei Giuki para a seção em prosa, onde ele aparece apenas como “um Rei” (Lang, 1890, p. 363), e também em prosa ele reconta a referência ao castigo que Odin impôs a Brynhild. Lang opta, no poema, por focar na donzela adormecida em Hindfell que Sigurd deveria buscar.

No nível formal também se observam transformações profundas. As cinco estrofes que Morris incluiu em sua tradução tornam-se, no conto de Lang, três estrofes de cinco versos. Ademais, é interessante que Lang optou por usar rimas finais em seus versos, seguindo o esquema *abaab*, algo que contribui para afastar seu conto ainda mais da matriz épica: há que se lembrar que a poesia inglesa passou a fazer uso de rimas por influência continental somente após a Conquista Normanda, quando houve grande influxo de empréstimos lexicais na língua (cf. Scase, 2009, p. 19 e Strachan; Terry, 2011, p. 15). A poesia anglo-saxônica mais antiga baseava-se, assim como o metro édico, em esquemas de aliteração. E, ainda assim, vestígios aliterantes sobrevivem no poema recriado por Lang, sem dúvida como reflexos do poema-base de Morris. Se, nesse último, a aliteração é usada sistematicamente, no conto de Lang ela assume um papel de “ornamento acidental”, mais do que de mecanismo estrutural.

*

¹⁶ “Fidelidade” é um termo extremamente problemático nos Estudos da Tradução, mas aqui é usado simplesmente no sentido de “preservação da ideia do texto de partida”.



Neste breve estudo, verificamos alguns dos aspectos envolvidos na adaptação que Andrew Lang fez da *Saga dos Volsungos* a partir da tradução de William Morris. Os cortes, apagamentos, omissões e transformações auxiliaram Lang para que seu texto-fonte pudesse figurar de maneira autossuficiente em uma coletânea de histórias de fadas destinadas a um público leitor muito diverso do original, ainda que a inclusão da 'Estória de Sigurd' dentro do gênero "estória de fadas" não seja completamente adequada.

A impressão que pode ter ficado é de que, ao fazer isso, Lang promoveu um aviltamento da saga islandesa, rebaixando-a para se tornar mais palatável e menos intrincada para seus leitores juvenis. Mas, apesar das limitações de sua adaptação, não precisamos necessariamente enxergá-la como uma corruptela. Como afirma Judith Kellogg (1993, p. 57):

Releituras de histórias tradicionais sempre foram um tipo importante de literatura infantil. Tais histórias são fundamentais para criar a identidade pessoal e social de uma criança, assim como um senso de continuidade com o passado.¹⁷

'A Estória de Sigurd', conforme recontada por Lang, provavelmente contribuiu para despertar esse senso de continuidade e para ajudar no processo de aclimação do público britânico a histórias que, anos depois, seriam cotidianas. Que caminhos teria tomado, por exemplo, a obra de J.R.R. Tolkien sem a influência de Lang? Afinal, o próprio Tolkien afirmou que 'A Estória de Sigurd' era, de longe, sua favorita quando criança (Anderson; Flieger, 2014, p. 188). Igualmente, qual seria a reação do público aos quadrinhos ou às multimilionárias produções cinematográficas como *Thor* (2011) se o processo de consolidação do elemento

¹⁷ No original: "Retellings of traditional stories have always been an important type of children's literature. Such stories are fundamental to creating a child's personal and social identity, as well as a sense of continuity with the past".

mitológico nórdico no mundo anglófono não houvesse começado há mais de um século e meio, e continuado posteriormente? Andrew Lang também teve papel-chave nesse processo, figurando no mesmo rol de nomes como William Morris e George Webber Dasent. Por isso, seu mérito precisa ser reconhecido e, em justa medida, celebrado.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Douglas A.; FLIEGER, Verlyn (Eds.). *Tolkien On Fairy-Stories, Expanded edition, with commentary and notes*. London: HarperCollins, 2014.

BURNS, Marjorie. *Introduction: Morris and the Sagas*. Disponível em:

<morrisedition.lib.uiowa.edu/translationsoldicelandicintroBurnsSagas.html>, acesso em 10 abr. 2020.

BYOCK, Jesse L. (Trad.). *The Saga of the Volsungs*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1990.

DAY, Andrea. “‘Almost wholly the work of Mrs. Lang’: Nora Lang, Literary Labour, and the Fairy Books”, *Women’s Writing*, 2019, 4, pp. 400-420.

FELCE, Ian. “The Old Norse Sagas and William Morris’s Ideal of Literal Translation”, *The Review of English Studies*, 2016, 67, 279, pp. 220-236.

HAMMOND, Wayne G.; SCULL, Christina. *The J.R.R. Tolkien Companion and Guide: Reader’s Guide*. London: HarperCollins, 2017.

HASCALL, Dudley L. “Volsungasaga and Two Transformations”, *The Journal of the William Morris Society*, 1968, 2, pp. 18-23.



KELLOGG, Judith L. "The Dynamics of Dumbing: The Case of Merlin", *The Lion and the Unicorn*, 1993, 17, 1, pp. 57-72.

LANG, Andrew (Ed.). *The Blue Fairy Book*. London: Longmans, Green & Co., 1889.

_____. *The Red Fairy Book*. London: Longmans, Green & Co., 1890.

_____. *The Green Fairy Book*. London: Longmans, Green & Co., 1892.

_____. *The Lilac Fairy Book*. London: Longmans, Green & Co., 1910.

LARRINGTON, Carolyne (Trad.). *The Poetic Edda*. Oxford: OUP, 2014.

MAGNÚSSON, Eiríkr; MORRIS, William (Trad.). *The Story of the Volsungs & Niblungs with certain songs from the Elder Edda*. London: F.S. Ellis, 1870.

MOOSBURGER, Théo de Borba (Trad.). *Saga dos Volsungos*. São Paulo: Hedra, 2009.

SCASE, Wendy. "Re-inventing the vernacular". In: SCANLON, Larry (Ed.). *The Cambridge Companion to Medieval English Literature*. Cambridge: at the University Press, 2009, pp. 11-24.

STRACHAN, John; TERRY, Richard. *Poetry*. 2 ed. Edinburgh: at the University Press, 2011.

TOLKIEN, J.R.R. *The Legend of Sigurd and Gudrún*. London: HarperCollins, 2009.

_____. "On Fairy-stories". In: *Tree and Leaf*. London: HarperCollins, 2001.